

RAIMUNDO NA TERRA DE TATIPIRUN: A IMAGINAÇÃO CRIATIVA E A TRAJETÓRIA DO HERÓI MÍTICO

Doutoranda Jacklaine de Almeida Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
jacklaine_almeida@yahoo.com.br

Mestranda Yolanda Maria da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
yolandamariadasilva@yahoo.com.br

1- Algumas considerações

Este artigo apresenta uma análise do conto *A terra dos meninos pelados* (1937), de Graciliano Ramos, numa perspectiva que busca relacionar mito e literatura, procurando compreender o texto literário a partir de um mito fundante: a trajetória do herói. Desse modo, nosso objetivo é evidenciar a trajetória de Raimundo, personagem protagonista do conto, à terra de Tatipirun, mundo imaginário que cria para fugir dos problemas reais.

Reconhecer no texto literário a presença de um mito e testificar seu valor simbólico, sua pertinência para a configuração literária é um viés analítico que tem se evidenciado nos últimos anos e que a crítica vem denominando de mitocrítica.

Se o mito é o mistério para descobrir quem somos, Raimundo se descobre enquanto ser humano quando percebe que pode conviver em um mundo heterogêneo. Nessa perspectiva, o livro de Graciliano é uma grande metáfora da alma humana, visto que o grande ensinamento mítico, segundo Campbell (1990), é que a resposta para os problemas está dentro de nós mesmos. Por isso, Raimundo passa por um conflito interior para resolver outro, exterior. Fazendo a “viagem”, chega ao centro da própria existência. Esse é o grande resultado da trajetória do herói. Nesse sentido, seu regresso é triunfante.

Para desenvolvermos nossos objetivos, nos ancoramos em autores como Campbell (1990; 2007), Bachelard (1990) e Ribeiro (2006).

2- Imaginação criativa: o início da jornada do herói

Em 1937, segundo Miranda (2004), no período sombrio do Estado Novo, após ser libertado, Graciliano escreve *A terra dos meninos pelados*, livro com o qual obtém o terceiro lugar em um concurso promovido pelo Ministério de Educação e Saúde. Editado pela primeira vez em 1939, pela Editora Globo, de Porto Alegre, é, mais tarde, publicado pela Livraria Martins (em 1962) conjuntamente com as *Histórias de Alexandre e Pequena história da República*, num volume intitulado *Alexandre e outros heróis*. Podemos observar, pelo título desse livro, que o próprio Graciliano Ramos insere a personagem Raimundo em um universo de heróis.

Posteriormente, o conto passa a ser editado de forma isolada. De acordo com Miranda (2004, p. 75), a narrativa é “uma pequena fábula contra a intolerância e a favor da diferença, espécie de baliza existencial que o sertanejo arredio e destemido soube transformar ao longo da vida e dos livros em perene obra de arte.”

Graciliano, que teve sua “Pequena História da República” censurada pelo Estado Novo, constrói uma experiência de liberdade n’*A terra dos meninos pelados*. O conto flagra um momento extremamente importante na vida da personagem protagonista. O menino Raimundo apresenta em seu corpo traços particulares: em sua cabeça não nasciam cabelos e cada um dos seus olhos refletia uma cor distinta: o olho direito era preto e o esquerdo, azul. E são justamente essas características que fazem com que se sinta à margem da sociedade.

Seus olhos sugerem visões diferentes sobre o mundo real. Um olho (o preto) enxerga o mundo sem cor, sombrio e triste que o hostiliza. Por isso, Raimundo fecha os “olhos” para não “ouvir” e ver os meninos da rua que zombam dele. O outro olho (o azul) deseja não ver a rudeza desse mundo que o angustia. Porém, somente com os olhos da imaginação, a personagem consegue enxergar o mundo mágico e colorido de Tatipirun, onde todos conseguem conviver com suas diferenças.

Hostilizado constantemente pelas crianças do bairro onde mora, devido a sua forma física, Raimundo torna-se solitário, brinca e, muitas vezes, conversa sozinho. Seu brinquedo e sua companhia é apenas a imaginação. É assim que cria o fantástico mundo de Tatipirun. É assim que começa a sua jornada.

3- Raimundo na terra de Tatipirun: a trajetória do herói mítico

A trajetória do herói mítico, de acordo com Campbell (2007), se compõe das seguintes etapas: a partida, quando o herói recebe um chamado para a aventura em um mundo distante; a iniciação, quando o herói abandona seu mundo e passa por um caminho de provas (ou provações); e o regresso, quando o herói recupera o troféu e volta triunfante, ao ponto inicial da jornada, transformado. É, pois, essa trajetória que pretendemos analisar no livro *A terra dos meninos pelados*, tendo em vista que a personagem protagonista segue essa jornada e, assim como o herói mítico, volta transformado.

O herói espiritual (psicológico), segundo Campbell (1990), aprende ou encontra uma forma de experimentar um nível supranominal da vida espiritual humana e depois volta e a comunica aos outros. Essa trajetória acontece de forma cíclica, por isso, em posse do “objeto” procurado, o herói regressa.

Nesse sentido, Campbell (2007) analisa os “monomitos heróicos”, que contêm a história do herói a partir de sua saída de casa até o retorno solene. Paralelos cosmológicos são associados à biografia do herói (visão exclusivamente da psicologia analítica): aprofundamento do indivíduo em sua alma à procura de novos valores.

Podemos observar essa mesma trajetória no enredo do conto de Graciliano Ramos. A partida do nosso herói se dá quando, no início do conto, tem-se a apresentação de um problema: Raimundo é rejeitado pelos meninos de sua rua e por ele mesmo. O que torna agudo o drama da personagem protagonista é o fato de sua aparência causar estranheza no seu mundo. Raimundo entra em crise quando percebe o desencontro com o espaço em que

vive, pois seu mundo é repleto de solidão e impossibilidades, angústia existencial e pouca autoestima.

É nesse momento que o menino cria o mundo “perfeito” de Tatipirun: imagem do Éden (o paraíso), em contrapartida a Cambacará, nome que cria para denominar o mundo onde mora e é hostilizado. Por esse motivo, o mundo real é sem cor. As cores só vão estar presentes no mundo da imaginação, simbolizando alegria, vida, satisfação.

O chamado para a aventura do herói vem de dentro do próprio Raimundo, quando se sente oprimido e rejeitado pelo mundo exterior. Nesse sentido, o menino é exilado em si mesmo na medida em que se protege em seu mundo interior. Na trajetória, o herói procura uma forma de experimentar o mundo e só consegue fazer isso através da imaginação.

Nessa perspectiva, segundo Ribeiro (2006, p. 17), o herói é o modelo arquetípico que existe no inconsciente coletivo. Sua missão “é lutar contra os conteúdos inconscientes reprimidos para não ser sobrepujado por eles, criando uma situação interna que possa avançar para novas etapas da conscientização, unificação e integração da personalidade.”

Na trajetória do herói, há um ritual de iniciação, em que ele abandona seu mundo para, em lugar desconhecido, passar por provas que, uma vez vencidas, o ajudarão a resgatar o “objeto” desejado. Desse modo, Raimundo, já na terra dos meninos pelados, passa por algumas adversidades e aparentes facilidades.

Vindo de Cambacará (mundo real), o menino se vê dentro de um mundo inteiramente maravilhoso (imaginário), capaz de se moldar para seu conforto físico e moral: rios que se fecham para ele passar, tempo livre para brincadeiras, caminhos sempre certos. Integrando-se gradativamente à nova terra, o protagonista vai conhecendo todos os seus habitantes, crianças como ele, que jamais se tornarão adultas, pois o tempo em Tatipirun não passa. Os bichos e até as coisas têm olhos de cores diferentes na terra de Tatipirun. Não há chuva, não há noite, não faz calor nem frio, as árvores conversam, as aranhas tecem roupas para as crianças. Todavia, a permanência do menino no mundo imaginário o faz passar por algumas situações (provações) que o levam a encontrar as respostas para seus anseios interiores.

Esse novo mundo é criado pela imaginação que, segundo Bachelard (1990), é a faculdade mental usada pelo ser humano com o intuito de criar e recriar, partindo de imagens estabelecidas por um determinado contexto social. Percebemos que, no mundo real onde vive Raimundo, predomina a segregação e o desprezo por sua condição de ser estranho: olhos de cor diferente, cabeça pelada e personalidade que vive a devanear. Usando o imaginário, a personagem cria um novo lugar, um utópico lugar onde pode ser feliz e ter sua individualidade respeitada. Seria um processo de desconstrução de um mundo de imagens discriminatórias para uma nova realidade. Deste modo, escritor e personagem se fundem, pois se Graciliano tenta fugir de sua realidade opressora, sua personagem Raimundo foge da realidade que o discrimina. Bachelard (1990, p. 1) afirma que “[...] Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é, sobretudo, a faculdade de libertar-se das imagens primeiras, de mudar as imagens” com o intuito de por a imaginação em movimento dinâmico criativo. Então há, na narrativa do conto, a desconstrução de uma realidade de imagens opressoras para a criação de um conjunto de imagens subversivas, porém, benéficas à realidade do herói.

Com base nas imagens observadas no conto, podemos ver que o herói cria um lugar diferente do que vive e, nesse momento da narrativa, percebemos uma intertextualidade com o mito de Prometeu, contida no livro *O trabalho e os dias*, de Hesíodo. Nesse livro, encontramos histórias míticas que narram a origem do universo. Em especial, destacamos a origem das diversas espécies da raça humana, que foi dividida em cinco: Raça de ouro, Raça de Prata, Raça de Bronze, Raça dos Heróis e Raça de Ferro. Deixando de lado a especificidade peculiar a cada uma delas, interessa-nos aqui discorrer sobre a Raça de Ouro, com a qual dialoga o conto de Graciliano Ramos. Nessa Raça, segundo o fragmento de Hesíodo:

Primeiro de ouro a raça dos homens mortais criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas. Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava; como deuses viviam, tendo despreocupado coração, apartados, longe de penas e misérias; nem temível velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos, alegravam-se em festins, os males todos afastados, morriam como por sono tomados; todos os bens eram para eles: espontânea a terra nutriz fruto trazia abundante e generosa e eles, contentes, tranqüilos nutriam-se de seus pródigos bens. Mas depois que a terra a esta raça cobriu eles são, por desígnios do poderoso Zeus, gênios corajosos, ctônicos, curadores dos mortais. [Eles então vigiam onipresentes pela terra.] E dão riquezas: foi este o seu privilégio real (HESÍODO, 2006, p. 29).

Assim como no mito, a personagem Raimundo se vale da criação de um mundo mítico primordial, como o descrito por Hesíodo, onde os valores são elevados, o tempo e as fadigas da realidade são transfigurados e tudo é perfeito, proporcionando a felicidade para Raimundo. Podemos inferir que tanto a personagem foge para esse mundo perfeito, como, também, esse é o mesmo percurso traçado pelo escritor Graciliano Ramos, que foge de seu momento histórico angustiante.

O protagonista se espanta com a organização de Tatipirun, tão diferente de seu mundo. Tudo no novo lugar diverge do que ele aprendeu em suas “lições de geografia”. Ao afirmar diversas vezes, no desenvolvimento da história, que precisa voltar para estudar a lição de geografia, a personagem mostra que tem consciência de que Tatipirun existe apenas no plano da imaginação, já que a geografia se preocupa com os espaços ocupados pelo homem. Ao fazer referência constantemente à lição de geografia, a protagonista mostra estar consciente de que precisa voltar para o mundo real. O saber geográfico é ressaltado pelo saber criativo da personagem, ou seja, através de seu conhecimento de mundo, Raimundo (re)cria as imagens e acontecimentos de Tatipirun de modo lógico e esse lógico tem como referencial seu mundo real.

No conto, a imaginação da personagem infantil é um elemento importante porque decide o destino do protagonista. Para Carvalho (2004, p. 103): “o mundo imaginário construído por Raimundo, que só é possível de ser concebido pela fantasia criada por ele para a superação de sua diferença, é que o leva a emancipar-se e a enfrentar a rejeição das crianças do mundo real.”

A emancipação de Raimundo, no processo de criação literária de Graciliano, se dá quando ele inventa, sozinho e internamente, uma maneira de libertar-se de seu isolamento no mundo real. Ao construir em sua imaginação o mundo fantástico de Tatipirun, criando todas as crianças à sua semelhança – sem cabelos e com um olho de cada cor –, Raimundo evade-se da realidade cotidiana que o oprime no mundo real e passa a conviver com as crianças semelhantes a ele na aparência, porém, diferentes no modo de pensar.

Raimundo volta ao mundo real porque percebe que não pode escapar dessa realidade. Essa é a fase de individuação do herói. Ele precisa evadir-se para um outro mundo para encontrar o que procura mas o troféu se esconde dentro dele mesmo, todavia, a jornada é necessária para que ele, sozinho, faça essa descoberta.

Nesse sentido, a particularidade da obra de Graciliano aparece quando o autor apresenta o desajuste como um problema que atinge as pessoas não apenas no plano da realidade, mas, igualmente, no plano da fantasia. Ao chegar em Tatipirun, Raimundo percebe igualdades mas também diferenças, começando a entrar em conflito interior, o que pode ser evidenciado: na dúvida se as pessoas têm que ser iguais (projeto do sardento); indecisão sobre sua volta ao mundo real; constante necessidade de mencionar sobre sua volta para fazer a lição de geografia, indicando as dúvidas sobre as questões geográficas dos dois mundos.

O estilo de Graciliano Ramos é conhecido pelo despojamento, *secura* mesmo, de uma economia total de adjetivos, onde as palavras são empregadas por sua absoluta necessidade no sentido da frase. Considerando, assim, os adjetivos empregados na narrativa, notamos que Raimundo é uma criança tímida e introspectiva. O próprio nome do protagonista comporta, em seu interior, o mundo onde ele se fecha: Rai(mundo), nome comum na terra de Cambacará (mundo real), mas diferente em Tatipirun (mundo da imaginação), onde o nome comum é Pirengo. O que sugere que ser diferente é relativo, depende do olhar, do ponto de vista de quem observa.

A trajetória realizada pelo herói toca na complexidade da existência humana. Raimundo vive um processo conflituoso na vida real e busca em Tatipirun um refúgio, terminando por encontrar a solução para o seu medo ao final de sua jornada, descobrindo que não pode mudar o mundo, mas pode mudar a si mesmo, integrando-se a ele. Nesse sentido, o drama vivido por Raimundo é o drama do inconsciente que está presente no mito do herói.

O drama de nosso herói é ser diferente e, por isso, hostilizado em seu próprio mundo. Nesse sentido, desigualdade é um problema, mas, por outro lado, a igualdade também o é. Sem o heterogêneo, sem a diferença, não há aprendizagem, pensamento, questionamento. Se, por um lado, o conto aponta para as dificuldades enfrentadas pelo sujeito desigual (Raimundo), não condizente a um determinado estereótipo, por outro, revela que a padronização entre os seres humanos alcança a mesmice e a igualdade improdutiva. Nesse sentido, a cena mais forte para Raimundo é quando o sardento explica-lhe seu projeto:

- Quer ouvir o meu projeto? segredou o menino sardento.
- Ah! sim. Ia-me esquecendo. Acabe depressa.
- Eu vou principiar. Olhe a minha cara. Está cheia de manchas, não está?

- Para dizer a verdade, está?
- É feia demais assim?
- Não é muito bonita, não.
- Também acho. Nem feia nem bonita.
- Vá lá. Nem feia nem bonita. É uma cara.
- É. Uma cara assim assim. Tenho visto nas poças d'água. O meu projeto é este: podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?
- Para quê?
- Ficava mais certo, ficava tudo igual. (RAMOS, 1964, p. 113-114)

Os meninos pelados, não obstante sejam semelhantes em alguns aspectos, mantêm várias diferenças entre si: são grandes e pequenos, alvos, escuros, sardentos, de idades e personalidades distintas. É nesse momento que Raimundo começa a perceber que é possível ser diferente e viver bem com sua diferença.

No diálogo com personagens imaginárias de um mundo fantástico, Raimundo se situa e se afirma enquanto ser, defendendo suas ideias e respeitando os pensamentos dos outros habitantes. De acordo com Carvalho (2004), esse seria um encontro de Raimundo consigo mesmo, sua individuação, uma vez que se projeta no Outro. Conforme a autora:

[...] este parece ser o grande valor desta obra de Graciliano Ramos para a infância, pois mesmo sendo uma história de cunho fantástico, ela não deixa de mostrar o realismo da vida cotidiana de todo ser humano que é a necessidade de conviver em sociedade com as diferenças e não se sentir um ser alienado. (CARVALHO, 2004, p. 104)

Nesse sentido, a obra de Graciliano Ramos não se constitui em alienação e fuga da realidade, mas, sim, representa um ato heróico, um enfrentamento de situações novas e desafiadoras, uma força impulsionadora de vida, de sobrevivência. Raimundo evade-se temporariamente para um “outro mundo”, mas não permanece lá por muito tempo. Nesse sentido, a personagem percebe que a relação com a diferença não muda, onde quer que se esteja. Graciliano traz ao leitor um trabalho de reflexão da alma humana, atrelado a um trabalho de linguagem:

Mantendo o mesmo estilo cru e objetivo dos livros dirigidos aos adultos, Graciliano Ramos nessa obra dirigida ao público infantil não enfeita a linguagem. Metaforiza, porém, as situações e as personagens, e os encontros de Raimundo com elas são respostas aos anseios, conflitos e medos de Raimundo, resultando em um crescimento interior. (CARVALHO, 2004, p. 104)

A jornada realizada por Raimundo representa seu crescimento e amadurecimento na medida em que ele retorna a seu lugar de origem compreendendo melhor a importância de valores como a tolerância e a amizade, completando sua trajetória arquetípica.

Ao rejeitar o convite das crianças do mundo imaginário para ficar morando em Tatipirun, e, no final da história, ao decidir, por sua própria vontade, voltar para

Cambacará, Raimundo fortalece a sua personalidade, o que ratifica que a trajetória do herói resultou em uma maior capacidade da criança de conviver com a sua diferença. No enfrentamento das dificuldades, ele não precisa da ajuda do adulto, descobre sozinho e passa a ver a vida de outra perspectiva.

A obra em si é atemporal. O texto de Graciliano mostra que a diferença é fator bem presente na vida do ser humano e que a criança, iniciada no mundo, deve conhecê-la para aprender a conviver com ela. Quando o protagonista compreende que todo ser humano tem suas individualidades, regressa ao espaço inicial da narrativa: o mundo real. Todavia, volta transformado, aceitando suas características, e disposto a conviver com elas, mesmo em um mundo onde o processo alienante de homogeneização é imperioso.

No mundo de Cambacará, durante a viagem de Raimundo ao mundo imaginário, o tempo fica praticamente estático, congelado, uma vez que toda a ação imaginária acontece num longo *flashback*. Como exemplo, podemos citar o fato de que, no começo da narrativa, os meninos do mundo real estão na rua brincando e as cigarras cantando e, no fim do conto, volta-se à mesma cena. A preparação para a viagem se dá em:

Um dia em que ele preparava com areia molhada, a serra de Taquaritu e o rio das Sete Cabeças, ouviu os gritos dos meninos escondidos por detrás das árvores e sentiu um baque no coração.

[...]

As vozes dos moleques desapareceram, só se ouvia a cantiga das cigarras. Afinal as cigarras se calaram.

Raimundo levantou-se, entrou em casa, atravessou o quintal e ganhou o morro. Aí começaram a surgir as coisas estranhas que há na terra de Tatipirun, coisas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto. Sentiu uma grande surpresa ao notar que Tatipirun ficava ali perto de casa. Foi andando na ladeira, mas não precisava subir: enquanto caminhava, o monte ia baixando, baixando, aplanava-se como uma folha de papel. (RAMOS, 1964, p. 102)

Seu regresso acontece no momento descrito abaixo:

Raimundo começou a descer a serra de Taquaritu. A ladeira se aplanava. E quando ele passava, tornava a inclinar-se.

[...]

Agora Raimundo estava no morro conhecido, perto de casa. Foi-se chegando, muito devagar. Atravessou o quintal, atravessou o jardim e pisou na calçada.

As cigarras chiavam entre as folhas das árvores. E as crianças que embirravam com ele brincavam na rua. (RAMOS, 1964, p. 126)

Nesse sentido, há uma situação de circularidade na narrativa, ou seja, o final remete ao começo. Isso pode indicar a circularidade do ato reflexivo e da corrente de consciência que escolhe os fatos a considerar, independente de sua posição. O círculo, segundo Campbell (1990), é um símbolo religioso precioso, significa centro, origem, representa uma

totalidade, ligação. Começo e fim. Podemos perceber que a maior parte do livro é dedicada ao mundo imaginário de Tatipirun (onde acontece praticamente toda a história). Na realidade do livro, a maior parte se passa no interior da personagem, portanto, em Tatipirun (mundo imaginário).

Na realidade, no conto, Raimundo busca a afirmação do seu papel social. O texto trata do sujeito inocente, que se percebe jogado num mundo injusto, decadente e desumano. Nessa perspectiva, a narrativa deseja mostrar o ser humano infantil, suas carências, medos, desejos de conquistar seu lugar no espaço social.

4- Considerações finais

Na trajetória, simbolicamente, o herói do começo morre, visto que volta um outro ser, transformado. No conto analisado, na medida em que Raimundo se liberta das amarguras e tristezas em relação aos olhares das outras crianças sobre ele, renasce. A partir desse momento, conseguirá viver com suas diferenças. Desse modo, ele abandona a condição primeira (“ser” reprimido, inclusive por si mesmo) e encontra a fonte da vida, uma condição diferente, madura, de enfrentamento da realidade circundante. É esse o troféu que nosso protagonista traz no regresso: seu auto-conhecimento para aceitar-se como é; seu equilíbrio emocional.

São as experiências vividas em Tatipirun que fazem com que haja a transformação de sua consciência. A recompensa é quando Raimundo não se deixa engolir pelo sistema opressor do mundo real. Ele reage, buscando respostas para seus problemas no mundo da imaginação. O regresso do herói, após um autoexame de consciência, o traz modificado para enfrentar a sociedade repressora.

É nesse sentido que a trajetória de Raimundo se configura como sendo a do herói mítico, visto que ele se descobre enquanto ser humano, passando a aceitar-se como é. É nessa perspectiva que podemos considerar o livro de Graciliano como uma grande metáfora da alma humana.

5- Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CARVALHO, Neuza Ceciliato de. Fantasia e emancipação em três tempos. In: CECCANTINI, João Luís C. T. (org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil**: memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. A saga do herói. In: **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Para Athena, 1990.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**: tradução e comentário de Mary de Camargo Neves Lafer. 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004.

RAMOS, Graciliano. A terra dos meninos pelados. In: _____ **Alexandre e outros heróis**. 3. ed. São Paulo: Martins, 1964.

RIBEIRO, Maria Goretti. **A via crucis da alma**: leitura mitopsicológica da trajetória da heroína de *As parceiras*, de Lya Luft. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.